

Uma menina nos alicerces da educação contemporânea?

ANA PAULA GUIMARÃES (1)



Que sabemos para escrever sobre educação moderna e contemporânea? Podemos partir da tradição e chegar à educação contemporânea? Ou vice-versa? A tradição ‘mais antiga’ tem formas de antever a educação recente?

Começemos por um PONTO DE INTERROGAÇÃO. E a primeira pergunta. Porquê? (2) Ora, depois das primeiras formas de balbuciar e arrulhar, esta é a primeira ‘fala’ da criança que quer ‘estar com’.

Perguntar constrói-nos. E Alberto Manguel atesta: “as afirmações tendem a isolar; as perguntas, a unir” (3). Hoje em dia há que voltar a ‘fomentar’ o “livre exercício da imaginação” (4), a curiosidade, a pergunta, fora ou mesmo dentro da escola.

Os livros – desde a infância até à adolescência, por aí em diante – serão mais importantes e úteis como exercício do que como instrução (5) – afirmara já Michel de Montaigne. E Manguel confirma: “imaginamos para existir, e somos curiosos para satisfazer o nosso desejo imaginativo” (6). Escolas e universidades deveriam voltar a ser “viveiros para os indagadores a que Francis Bacon chamou, no século XVI, «mercadores de luz»” (7).

Sabemos, aprendemos... que “a representação visível da curiosidade” (8) (o referido PONTO DE INTERROGAÇÃO), segundo Alberto Manguel, “chegou tarde à nossa História”:

“encontra-se numa cópia do século IX de um texto de Cícero, agora na Biblioteca Nacional de Paris” e “parece uma escada que sobe para a direita, numa diagonal serpenteante de um ponto, em baixo, à esquerda”.

Eis-nos perante uma forma de recuperar tradições baseadas na INTERROGAÇÃO, na arte de questionar, atitude de quem gostaria de receber informação sobre situações primordiais, óbvias e, por isso mesmo, difíceis de esclarecer.

Menina que tanto sabe
Diga-me onde aprendeu
Diga-me onde é que estava
Quando a sua mãe nasceu...

No contexto da tradição popular portuguesa, a quadra exemplifica o despique. Esta questão (como outras que se lhe seguirão) incide “noutro tipo de conhecimento, não já de fórmulas para aplicar.

Pergunta-se à menina aquilo que ela não pode pensar enquanto sujeito pensante: como pensaria antes de existir (9).” Eco de uma formulação poética, desta vez de Yeats:

Procuro a cara que tinha
Antes de o mundo ser criado.

Questiona-se a concepção trivial do saber. Desestrutura-se a noção de espaço e tempo quando se pergunta a quem está (eventualmente sem consciência do aqui e agora) onde esteve antes de aqui estar, antes de aqui estar quem a gerou, a mãe.

Cruzando textos, eis-nos perante a epígrafe de *Souvenirs Pieux*, obra de Marguerite Yourcenar em que se escreve:

Quel était votre visage avant que votre père et votre mère se fussent rencontrés?



Um koan Zen, enigma oferecido pelo mestre ao discípulo, também questiona:

Qual era a tua cara antes de os teus pais se terem conhecido

A quadra referida expõe quão perturbador pode ser o 'ingénuo' cancionero popular. E também se seguem respostas e novos desafios, quer dizer, novas interrogações.

As dificuldades das perguntas atestam o mérito dos dois intervenientes no diálogo, um, porque é capaz de perguntar o imperguntável; o outro, porque é posto à prova quando é desafiado a saber-responder ao mais enigmático.

Citemos Karl Marx – através de Alberto Manguel (10):
Formular uma pergunta é resolvê-la.



E atentemos na tradição popular (formar a atenção, segundo Simone Weil), arte de desafiar discretamente cantando:

Menina, que sabe ler
Faça-m' esta conta bem:
Um moio de trigo limpo
Quantas meias quartas tem?

– Tu falas-me em trigo,
Quem sabe se ele tem joio?
Quatrocentos e oitenta
Meias quartas tem um moio. (11)

– Uma cepa bem podada
Vinte varas vem a ter;
Cada vara vinte cachos,
Quantos cachos vem a ser?...

Eu sou filha de letrado,
Neta de tabelião:
Se nenhum cacho secar
Quatrocentos cachos são! (12)

Uma galinha bem deitada
Vinte ovos vem a ter
Cada ovo vinte pintos
Quantos pintos vem a ser?
Sou filha de um editado
Neta de tabelião
Mas p'ra te dizer a verdade
Quatrocentos pintos são. (13)

Outras dúvidas:

Menina que tanto sabe,
Responde-me a essa pergunta
Quantos pêxes tem o mar
Onde a água se ajunta?

Quantos pêxes tem o mar
Ainda nunca fui ao fundo,
Diz-me lá ó tu, ó rapaz,
Quantos rapazes há no mundo?

Os rapazes qu' há no mundo
Nem todos usam chapéu,
Diz-me lá tu, ó menina,
Quantos anjos há no céu?

Os anjos qu'há no céu,
Nem todos usam coroa,
Diz-me lá tu, ó rapaz
Quantos prédios tem Lisboa?

Os prédios qu'há em Lisboa,
Eu já te vô dizer,
São aqueles qu'estão fêtos
E aqueles que estão a fazer (14).

Mais questões. E mais respostas:

Menina que tanto sabe
Diga-me lá o seu saber
Uma camisa bem feita
Quantos pontos vem a ter?

Quantos pontos vem a ter
Vou-lhe já 'despelicar'
Não são mais nem são menos
Qu' aqueles que lhe querem dar.



Vale a pena acentuar vários aspectos: por um lado, a dúvida sobre a quantidade de “pontos” não perturba o inquirido. Pode referir-se que os primeiros textos escritos (IV milénio antes de Cristo, em tabuinha de argila suméria, de Uruk) não são obra poética mas sim contabilidade, contas.

Por outro lado, à objectividade da resposta sobrepõe-se a complexidade da ‘desplicação’. Relativiza-se a quantidade (ideal/absoluta) em função da subjectividade.

Para já, escutemos este diálogo:



Menina, que tanto sabe,
Responda-me a esta pergunta,
Que ciência tem o mar,
Que tanta água em si junta?

– A ciência que o mar tem
Não é coisa de pasmar:
Não há rio, nem regato
Que não vá ao mar parar. (15)

Mar/ sabedoria.

+Ciência. Juntar muita/ toda a água do universo.

Experiências diferentes, diversas buscas de saber
definem um caminho, vários percursos, confluência
algures no espaço. Mar onde tudo desagua.

O que nos fez trazer para esta publicação acadêmica esta menina do povo que nunca se sentou nos bancos da Academia, eficiente em diversas disciplinas e artes de responder?

“A ciência é ver”: dizem alguns entendidos e a tradição popular. “Ver” é uma operação cuja condição primordial é a luz e “ver” é também entender, perceber, fazer-se-nos luz sobre um assunto.

Chamo-lhe, em vez de ciência (e à maneira da quadra popular à qual peço emprestado o termo) uma abecedoria, uma arte de saber baseada num livro que talvez nem esteja escrito senão na natureza (o tempo do dia seguinte, os sinais de um rosto), uma arte que se desenvolve à medida da vontade de saber para poder responder, dar resposta às pequenas perguntas do dia-a-dia ou às grandes inquietações metafísicas.

Eu hei-de aprender a ler
No livro da Abecedoria
Para saber responder
À tua sabedoria. (16)

Proponho à escola três gestos: manter/ adoptar/ recuperar o dinamismo imaginativo estimulado em certas sociedades. Deixar perguntas abertas. Segundo Jean-Jacques Rousseau, no século XVII, “a escola tinha de ser um

espaço onde a imaginação e a reflexão tivessem rédea livre, sem nenhum propósito prático óbvio nem objectivo utilitário” (17).

O homem civil nasce, vive e morre na escravatura (18), escreveu.

Ao nascer, cosem-no em mantas; ao morrer é pregado num caixão; porquanto mantenha a figura humana, é acorrentado pelas nossas instituições.

E regressemos a Alberto Manguel:

Não é preparando as nossas crianças para um qualquer comércio que a sociedade requeira, insistia Rousseau, que elas se tornam eficientes nas suas tarefas. Antes de serem capazes de criar algo verdadeiramente valioso, as crianças têm de ser capazes de imaginar sem restrições. À escola cabe essa missão. Regressar ao seu primitivo sentido etimológico: schola enquanto conversa, debate. Compete-lhe, assim, desafiar estudantes através de questões orais ou escritas, sempre enigmáticas. Estimular curiosidade: estar sempre interpelando.

Seguir o exemplo desta menina? Mais um PONTO DE INTERROGAÇÃO.

Esta menina, imagem do conhecimento da tradição popular, “filha de letrado/ neta de tabelião”, passou anónima à posteridade, sabe responder (e quem pergunta sabe que ela sabe) rápida e eficazmente, sem hesitações, a quem a interpela. Notabiliza-se pela capacidade de resposta.

Sabe-se que, numa cultura primariamente oral (19), o despique retórico estrutura as relações entre dois seres em situação de desafio mútuo, desenvolvendo-se, muitas vezes, pela noite dentro até de madrugada. Aliás, na cultura popular portuguesa, o cantar e o saber surgem frequentemente associados:

Agora é que eu vou cantar
Agora é que eu vou saber (20).

Ensina-se cantando; processa-se, pelo canto, a informação adquirida ao longo do tempo; transmite-se revelando quanto se sabe por experiência própria (vendo) ou por ouvir contar (escutando). Dialogar cantando pode significar desafio provocador, jogo ora desconcertante, ora orientador.

Um cantador (num encontro de cantadores em Vieira do Minho) dizia:

Um bom cantador sabe conversar a cantar.

Arte de conversar, arte de jogar: cada um dos interlocutores (cantadores/ contadores/ conversadores) a seu tempo, dando ao outro oportunidade de resposta, aguardando a questão desafiadora, incentivando a emergência do brio pessoal para que surja a resposta adequada, na realidade, originando uma nova INTERROGAÇÃO...

Afinal, assim se constrói a tradição: semeando na terra/no corpo de quem se expõe, escutando; assistindo/favorecendo o crescimento da planta rompendo o solo. Quem conta ou canta ou desafia proclamando... vai agindo de forma subtil. Motiva a resposta, abre o apetite tanto para saber como para jantar (afiaça o referido cantador).

Regressemos à primeira quadra:

Menina que tanto sabe
Diga-me onde aprendeu
Diga-me onde é que estava
Quando a sua mãe nasceu...

E escutemos uma das possíveis réplicas:

Quando minha mãe nasceu
Que seria eu então?...
Da grossura dum linha
Entre Eva e Adão.



Conhece-se uma versão em que a linhagem masculina é acentuada:

Eu te faço uma 'progunta'
Se me quiser's responder:
Onde estavas tu metida,
Antes de teu pai nascer?

Antes de meu pai nascer,
Estava eu na escuridão,
Foi uma linha que veio
Entre Eva e Adão (21).

Como decorre o ensinamento nas escolas? Sustentam-se diálogos? Interlocutores animam-se mutuamente sem reconhecimento de vencedor e vencido, sem prémios no final? Em causa, durante o percurso pedagógico, está a luta – no sentido mais profundo, a do ser consigo próprio.

Estas questões colocadas a uma anónima “menina”, respondidas, depois recolocadas e por aí em diante... motivam pensamentos fulcrais da existência do ser humano. Quem somos? O que fazemos? Porque fazemos? Para quê? Para onde caminhamos?

Uma criança de 5 anos pergunta:

Mãe, nós quando morremos vamos para o Céu?

Por princípio..., hesita mãe.

Responde:

No princípio e no fim. Que eu... quando morrer vou para o Céu mas antes de nascer também já lá estava.

Regressemos a uma ‘inocente’, ‘ingénua’ menina que tanto sabe cantada por tantos cantadores frequentemente sem darem conta da seriedade do canto que entoam. Menina-Mestre? Última INTERROGAÇÃO, última PERGUNTA, mais próxima de um possível sentido etimológico: percontare, procurar com a vara do barqueiro ou pescador. A pergunta é mais do que aquilo que (a)parece: “uma forma de tactear o caminho com uma vara, prolongamento do braço humano, o acto de procurar solo firme na terra no fundo da água. A um ponto de apoio sucede um outro, não se fazem perguntas por causa das respostas mas para se ir avançando no barco e continuar a viagem, no diálogo com a amenina, para a obrigar a percorrer o seu caminho.

A pergunta equiparar-se-á à vara do barqueiro, contus, instrumento que leva o barco à outra margem. Por esta via, poder-se-ia relacionar pergunta, enigma e conto” (22). Todos estas formas/formulações agem como “um pedaço de tijolo para bater a uma porta ou como uma rede para pescar o peixe. Quando se abre a porta, deita-se fora o tijolo, apanhado o peixe, a rede deixa de ser necessária.

A criança na idade dos porquês ensina sobre a importância do conto, ensinando também como é, a certa altura, mais importante perguntar do que responder. Quem responde apenas mantém, mecanicamente, o contacto. Quem pergunta, sabiamente, dispensa uma resposta eloquente,

sensata, talvez correcta. Basta-lhe saber que pode continuar a perguntar para ultrapassar etapas, para resolver provas; que vive num lugar com solo onde apoiar a vara das perguntas.”

Menina que tanto sabe
Diga-me aonde aprendeu
Diga-me qual foi a coisa
Que nasceu e não morreu?...

Eis uma das possíveis atitudes... antecipando a formulação de José de Almada Negreiros em “O Anjo da Guarda”, peça de teatro:

Uma pergunta bem formulada é a resposta dada.

A resposta já foi dada. Só falta expelicar, desembrulhar, desdobrar:

O que nasceu e não morreu

Eu te vou ‘expelicar’

Foi a graça do Senhor

Para nunca se acabar.

Terminemos com texto de Manguel questionando a inquietação do início para depois ir ter aos fins:

Os inícios inquietam-nos diariamente. Queremos saber quando e onde começam as coisas, procuramos erudição em etimologias, gostamos de estar presentes nos nascimentos, talvez por sentirmos que o que vem primeiro ao mundo justifica ou explica o que vem a seguir. (23)

Despedimo-nos com quadra popular saudando a entrada em cena:

Agora, que eu vou entrando

Por salas e corredores

Já n'a mim ia esquecendo:

– Boas tardes, meus senhores! (24)

Notas:

(1) Professora Associada da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. É Doutorada em Estudos Portugueses, especialidade de Literatura Oral e Tradicional. Criou o IELT – Instituto de Estudos de Literatura e Tradição da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. CORPUS – Internacional Group for the Cultural Studies of Body

(1) Alberto Manguel, Uma História da Curiosidade, Lisboa, Tinta-da-China, 2015, pp.9-10.

(2) Idem, p.12.

(3) Michel de Montaigne, Complete Essays, Penguin, 1991, p.171

(4) Alberto Manguel, Idem, p.11.

(5) Idem, p.12.

(6) dem, p.12.

(7) Ana Paula Guimarães e António Goetze Piano António Goetze Piano, Abecedoria do Coração—Arte de Bem Viver no Cancioneiro Popular Português. Lisboa, Vega, 1994, p. 83.

(8) Alberto Manguel, Idem, p.65.

(9) Cancioneiro Popular Português (coligido por José Leite de Vasconcellos), vol.I. Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1975, p.182.

(10) Idem, p.192.

(11) Versão de D. Ramira Godinho, Ponte de Sor.

(12) Natália Nunes da Graça, Formas do sagrado e do profano na tradição popular: Literatura de transmissão oral em Margem

(concelho de Gavião), Dissertação de mestrado, 1998, p.217

(13) Cancioneiro Popular Português, p.182.

(14) Idem, p.179.

(15) Alberto Manguel, Idem, p.41-3

(16) Idem, p.43.

(17) Walter Ong, Orality and Literacy. London, Methuen, 1982

(18) Cancioneiro Popular Português, p.3.

(19) Idem, p.180

(20) Abecedoria do Coração—Arte de Bem Viver no Cancioneiro Popular Português, p.90.

(21) Alberto Manguel, Idem, p.50

(22) CPP I, 3